

?

!

A terra em que vivemos
sempre nos moldou.
Moldou as guerras,
o poder, a política e o
desenvolvimento social
dos povos que, hoje,
habitam quase todo
o planeta. A tecnologia
pode parecer ultrapassar
as distâncias, tanto no
espaço mental como
no físico, mas é fácil
esquecer que a terra onde
vivemos, trabalhamos e
criamos os nossos filhos
tem uma importância
crucial...



prisioneiros da geografia
dez mapas que lhe revelam tudo
o que precisa de saber sobre
política internacional
tim marshall

Tradução de Sónia Maia



TÍTULO: *Prisioneiros da Geografia - Dez Mapas que lhe Revelam Tudo o que Precisa de Saber Sobre Política Internacional*

AUTORIA: *Tim Marshall*

EDITOR: *Luís Corte Real*

Esta edição © 2017 Edições Saída de Emergência

Título original Prisoners of Geography © 2015 Tim Marshall. Publicado originalmente em Inglaterra por Elliott and Thompson Limited, 2016

TRADUÇÃO: *Sónia Maia*

REVISÃO: *Idalina Morgado*

COMPOSIÇÃO: *Saída de Emergência, em caracteres Minion, corpo 11*

DESIGN DA CAPA: *Saída de Emergência*

IMPRESSÃO E ACABAMENTO: *Cafilesa - Soluções Gráficas, Lda.*

1.ª EDIÇÃO: *julho, 2017*

ISBN: 978-989-99875-0-0

DEPÓSITO LEGAL: 426893/17

EDIÇÕES SAÍDA DE EMERGÊNCIA

Taguspark, Rua Prof. Dr. Aníbal Cavaco Silva,

Edifício Qualidade - Bloco B3, Piso 0, Porta B

2740-296 Porto Salvo, Portugal

TEL.: 214 583 770

 WWW.SDE.PT

 EDITORA-DESASSOSSEGO

 EDITORA.SAIDA.DE.EMERGENCIA

 @EDDESASSOSSEGO

ÍNDICE

PREFÁCIO.....	9
INTRODUÇÃO.....	11
CAPÍTULO 1 - RÚSSIA.....	17
CAPÍTULO 2 - CHINA.....	41
CAPÍTULO 3 - EUA.....	65
CAPÍTULO 4 - EUROPA OCIDENTAL.....	85
CAPÍTULO 5 - ÁFRICA.....	105
CAPÍTULO 6 - MÉDIO ORIENTE.....	127
CAPÍTULO 7 - ÍNDIA E PAQUISTÃO.....	159
CAPÍTULO 8 - COREIA E JAPÃO.....	181
CAPÍTULO 9 - AMÉRICA LATINA.....	199
CAPÍTULO 10 - O ÁRTICO.....	221
CONCLUSÃO.....	237
AGRADECIMENTOS.....	241
ÍNDICE REMISSIVO.....	243

PREFÁCIO

TORNOU-SE UM TRUÍSMO PENSAR, E DIZER, QUE VIVEMOS EM TEMPOS excepcionalmente instáveis. O mundo, segundo nos dizem, nunca foi tão imprevisível. Este tipo de afirmações requer uma resposta cautelosa, ou mesmo cética. Há bons motivos para se ser prudente. O mundo foi sempre instável e o futuro, por definição, imprevisível. As nossas preocupações atuais poderiam, certamente, ser muito mais graves. Quanto mais não fosse, o centenário de 1914 deveria ter-nos lembrado desse facto.

Dito isto, existem, sem dúvida, alterações fundamentais em curso, que irão ter uma influência real no nosso futuro e no dos nossos filhos, onde quer que vivamos. As alterações económicas, sociais e demográficas, combinadas com uma rápida evolução tecnológica, têm implicações globais que poderão diferenciar os tempos em que vivemos dos que os precederam. Talvez seja por isso que falamos tanto de «incerteza excepcional» e que o comentário «geopolítico» se transformou numa indústria em crescimento.

Tim Marshall está invulgarmente bem preparado, tanto pessoal como profissionalmente, para contribuir para este debate. Participou diretamente em muitos dos desenvolvimentos mais dramáticos dos últimos 25 anos. Como a sua Introdução nos recorda, esteve na linha da frente nos Balcãs, no Afeganistão e na Síria. Testemunhou como as decisões e os acontecimentos, os conflitos internacionais e as guerras civis, apenas podem ser compreendidos tendo em conta as esperanças, os medos e os preconceitos resultantes da História e como estes, por seu turno, são determinados pelo

ambiente físico — a geografia — em que os indivíduos, as sociedades e os países se desenvolveram.

Em consequência, este livro está repleto de revelações judiciosas com relevância imediata para a nossa segurança e bem-estar. O que influenciou a ação da Rússia na Ucrânia? Teremos nós (o Ocidente) falhado a tarefa de a prever? Se assim foi, porquê? Até onde irá, agora, Moscovo? Sentir-se-á a China, finalmente, segura dentro do que vê como as suas fronteiras terrestres naturais, e como afetará este facto a abordagem de Pequim ao poder marítimo e aos EUA? O que significará isto para os outros países da região, incluindo a Índia e o Japão? Durante mais de 200 anos, os EUA beneficiaram de circunstâncias geográficas altamente favoráveis e da riqueza de recursos naturais. Agora, têm petróleo e gás não convencionais. Isto afetará a sua política global? Os EUA têm um poder e uma resiliência extraordinários, logo, porque se fala tanto do seu declínio? As divisões e emoções profundamente enraizadas em todo o Norte de África, Médio Oriente e Sul da Ásia serão insuperáveis, ou poderemos ter esperança no futuro? Por fim, e talvez com maior importância para o nosso país, o Reino Unido, que é uma das economias mais vastas e mais globais: como está a Europa a reagir às incertezas e conflitos na sua vizinhança, e para lá dessa vizinhança? Como Tim refere, nos últimos 70 anos (e, em especial, desde 1991), a Europa tem vindo a habituar-se à paz e à prosperidade. Estaremos agora em risco de tomar estas circunstâncias como garantidas? Ainda compreenderemos o que se passa à nossa volta?

Se quer refletir sobre estas questões, leia este livro.

Sir John Scarlett KCMG OBE,
Diretor do Serviço de Informações Secretas (MI6), 2004-2009

INTRODUÇÃO

VLADIMIR PUTIN DIZ-SE UM HOMEM RELIGIOSO, UM GRANDE apoiante da Igreja Ortodoxa russa. Assim sendo, é bem possível que, todas as noites, quando se deita, faça as suas orações e pergunte a Deus: «Porque não puseste montanhas na Ucrânia?»

Se Deus tivesse posto montanhas na Ucrânia, a grande extensão de terreno plano que forma a Planície do Norte Europeu não seria um território tão ideal como ponto de partida de ataques repetidos à Rússia. Assim, Putin não tem alternativa: precisa de, pelo menos, tentar controlar as planícies a oeste. O mesmo acontece com todas as nações, grandes ou pequenas. A geografia aprisiona os seus líderes, deixando-lhes poucas alternativas e uma margem de manobra mais reduzida do que se possa pensar. Foi o caso do Império Ateniense, dos Persas, dos Babilónios e de outros antes deles; foi o caso de todos os líderes em busca de um terreno elevado de onde pudessem proteger a sua tribo.

A terra em que vivemos sempre nos moldou. Moldou as guerras, o poder, a política e o desenvolvimento social dos povos que, hoje, habitam quase todo o planeta. A tecnologia pode parecer ultrapassar as distâncias, tanto no espaço mental como no físico, mas é fácil esquecer que a terra onde vivemos, trabalhamos e criamos os nossos filhos tem uma importância crucial, e que as escolhas daqueles que lideram os sete mil milhões de habitantes deste planeta serão, em certa medida, sempre influenciadas pelos rios, montanhas, desertos, lagos e mares que nos rodeiam a todos — como sempre o foram.

Em geral, não existe um fator geográfico mais importante do que os outros. As montanhas não são mais importantes do que os desertos, nem os rios têm mais relevância do que as selvas. Em diferentes zonas do planeta, as diferentes características geográficas estão entre os fatores mais determinantes do que as pessoas podem e não podem fazer.

Em termos gerais, a geopolítica estuda as formas como a política internacional pode ser compreendida através dos fatores geográficos; não apenas da paisagem física — por exemplo, das barreiras naturais formadas pelas montanhas ou das ligações proporcionadas pelas redes fluviais —, mas também do clima, da demografia, das regiões culturais e do acesso a recursos naturais. Fatores como estes podem ter um impacto importante em vários aspectos da nossa civilização, da estratégia política e militar ao desenvolvimento social humano, incluindo a linguagem, o comércio e a religião.

As realidades físicas que sustentam a política nacional e internacional são, demasiadas vezes, menosprezadas, tanto em obras sobre História como em relatos contemporâneos da política mundial. Não há dúvida de que a geografia é uma parte fundamental, tanto do «porquê» como do «quê». Pode não ser o fator determinante, mas é certamente o mais ignorado. Veja-se, por exemplo, a China e a Índia: dois países colossais com populações gigantescas que partilham uma fronteira muito extensa, mas não estão alinhados política nem culturalmente. Não admiraria que estes dois gigantes se tivessem defrontado em várias guerras, mas, na verdade, tirando uma batalha que durou um mês em 1962, nunca o fizeram. Porquê? Porque, entre eles, se ergue a cordilheira montanhosa mais alta do mundo, e é praticamente impossível fazer avançar grandes colunas militares atravessando ou transpondo os Himalaias. Claro que, à medida que a tecnologia se torna mais sofisticada, vão surgindo formas de ultrapassar este obstáculo, mas a barreira física continua a ser dissuasora e, por isso, ambos os países concentram a sua política externa noutras regiões, embora não deixem de se vigiar mutuamente.

Os líderes individuais, as ideias, a tecnologia e outros fatores desempenham um papel na determinação dos acontecimentos, mas são temporários. Cada nova geração continuará a enfrentar os obstáculos físicos criados pelo Indocuche e pelos Himalaias; os desafios colocados pelas estações das chuvas; e as desvantagens do acesso limitado a minerais naturais ou a fontes de alimento.

Comecei por me interessar por este assunto quando cobria as guerras nos Balcãs, nos anos 90. Vi, em primeira mão, os líderes de vários povos, fossem eles sérvios, croatas ou bósnios, recordarem às suas «tribos»

as antigas divisões e, sim, as antigas desconfianças, numa região repleta de diversidade. Depois de terem afastado as pessoas umas das outras, não foi preciso muito para as atirarem umas contra as outras.

O Rio Ibar, no Kosovo, é um exemplo típico. O domínio otomano sobre a Sérvia foi cimentado pela Batalha do Kosovo Polje, em 1389, travada perto do local onde o Ibar atravessa a cidade de Mitrovica. Ao longo dos séculos seguintes, a população sérvia começou a retirar-se para trás do Ibar, à medida que os albaneses muçulmanos desciam gradualmente da região montanhosa Malesija para o Kosovo, onde se tornaram majoritários por volta de meados do século XVIII.

Avançando até ao século XX, encontra-se ainda uma clara divisão étnica e religiosa grosseiramente demarcada pelo rio. Depois, em 1999, atacadas pela NATO a partir do ar e pelo Exército de Libertação do Kosovo no solo, as tropas jugoslavas (sérvias) recuaram para lá do Ibar, rapidamente seguidas pela maior parte da população sérvia remanescente. O rio tornou-se, na prática, a fronteira do que alguns países hoje reconhecem como o estado independente do Kosovo.

Foi também em Mitrovica que as forças da NATO no solo pararam de ganhar terreno e se detiveram. Durante a guerra, que durara três meses, haviam sido feitas ameaças veladas de que a NATO pretendia invadir toda a Sérvia. Na verdade, devido às condicionantes decorrentes tanto da geografia como da política, os líderes da NATO nunca tiveram, realmente, essa opção. A Hungria deixara claro que não permitiria uma invasão a partir do seu território, pois temia represálias contra os 350.000 húngaros étnicos no Norte da Sérvia. A alternativa era uma invasão a partir do Sul, o que os levaria ao Ibar em metade do tempo; mas a NATO teria, então, de enfrentar as montanhas que dominavam a região.

Nessa altura, eu estava a trabalhar com uma equipa de sérvios em Belgrado e perguntei-lhes o que aconteceria se a NATO avançasse. «Pousaremos as câmaras, Tim, e pegaremos em armas», foi a resposta. Eram sérvios liberais, meus bons amigos e opunham-se ao seu governo, mas, mesmo assim, puxaram dos mapas e mostraram-me onde os sérvios defenderiam o seu território nas montanhas e onde a NATO teria de se deter. Foi um alívio receber uma lição de geografia sobre os motivos por que as opções da NATO eram mais limitadas do que era admitido pela máquina de relações públicas de Bruxelas.

A compreensão da importância crucial da paisagem geográfica que obtive enquanto repórter nos Balcãs foi-me muito útil nos anos seguintes. Por

exemplo, em 2001, poucas semanas depois do 11 de Setembro, presenciei uma demonstração de como, mesmo com a moderna tecnologia atual, o clima ainda dita as possibilidades militares, até dos exércitos mais poderosos do mundo. Eu estava no Norte do Afeganistão, tendo atravessado o rio que assinala a fronteira com o Tadjiquistão numa balsa, para ir encontrar-me com as tropas da Aliança do Norte (AN) que combatiam os talibãs.

Os caças e bombardeiros americanos já sobrevoavam a área, atacando as posições dos talibãs e da Al Qaeda nas planícies e nas encostas frias e poeirentas de Mazar-e-Sharif, abrindo caminho para um avanço sobre Cabul. Passadas algumas semanas, era já evidente que a AN estava a preparar-se para rumar a sul. Depois, o mundo mudou de cor.

A tempestade de areia mais intensa que alguma vez testemunhei abateu-se sobre a zona, tingindo tudo de uma cor amarelo-mostarda. Até o ar à nossa volta parecia ser daquele tom, de tal forma estava carregado de partículas de areia. Durante 36 horas, nada se moveu, a não ser a areia. No auge da tempestade, a visibilidade era de poucos metros, e a única coisa clara era que o avanço teria de esperar que o tempo melhorasse.

A tecnologia de satélites dos americanos, na vanguarda da ciência, foi impotente, tornada cega pelo clima daquela terra agreste. Todos, do Presidente Bush e do Estado-Maior Conjunto dos EUA às tropas da AN no solo, tiveram de se resignar à espera. Depois choveu, e a areia que se depositara sobre tudo e todos transformou-se em lama. A chuva caiu com tanta força que as cabanas de lama cozida em que estávamos alojados pareciam estar a derreter. Mais uma vez, ficou claro que a deslocação para sul estaria suspensa até que a geografia se dignasse permiti-la. As regras da geografia, bem conhecidas de Hannibal, Sun Tzu e Alexandre o Grande, ainda se aplicam aos líderes de hoje.

Mais recentemente, em 2012, recebi mais uma lição de geoestratégia: quando a Síria entrou em guerra civil declarada, eu estava no topo de uma colina síria, com vista sobre um vale a sul da cidade de Hama, e vi uma aldeola a arder ao longe. Amigos sírios apontaram-me uma aldeia muito maior, a cerca de 1600 metros de distância, de onde diziam que o ataque tinha partido. Depois, explicaram-me que, se um dos lados conseguisse expulsar do vale pessoas suficientes da outra facção, o vale poderia então ser anexado a outra extensão de terreno que levava à única autoestrada do país, criando-se, assim, um pedaço de território contíguo transitável onde, um dia, poderia estabelecer-se um microestado, se a Síria não pudesse ser reunificada. Onde, antes, eu só vira uma aldeola em chamas, vi então a

sua importância estratégica e compreendi como as realidades políticas são moldadas pelas realidades físicas mais básicas.

A geopolítica afeta todos os países, quer estejam em guerra, como nos exemplos acima, ou em paz. Em todas as regiões, existem casos que se podem apontar. Nestas páginas, não me será possível explorar todas elas: o Canadá, a Austrália ou a Indonésia, entre outras, serão apenas brevemente mencionadas, embora se pudesse dedicar um livro inteiro só à Austrália e às formas como a sua geografia determinou a sua ligação a outras partes do mundo, tanto física como culturalmente. Em vez disso, concentrei-me nos poderes e regiões que melhor ilustram os pontos-chave do livro, cobrindo os legados geopolíticos do passado (formação das nações); as situações mais prementes da atualidade (os problemas na Ucrânia, a influência crescente da China); e olhando para o futuro (concorrência crescente no Ártico).

Na Rússia, observaremos a influência do Ártico, e como o seu clima gelado limita a capacidade da Rússia de ser um verdadeiro poder global. Na China, veremos as limitações de poder decorrentes da ausência de uma marinha global e como, em 2016, a rapidez com que a China tem procurado alterar este facto se tornou evidente. O capítulo sobre os EUA mostra como decisões astutas no sentido da expansão do território em regiões-chave lhes permitiram alcançar o seu estatuto moderno de superpotência em dois oceanos. A Europa demonstra-nos o valor dos terrenos planos e dos rios navegáveis na interligação de regiões e na produção de uma cultura capaz de impulsionar o mundo moderno, enquanto a África é um bom exemplo dos efeitos do isolamento.

O capítulo sobre o Médio Oriente mostra-nos porque traçar linhas em mapas sem ter em atenção a topografia e, com igual importância, as culturas geográficas de cada zona específica é a receita para o desastre. Continuaremos a testemunhar esse desastre neste século. O mesmo tema surge nos capítulos sobre África e a Índia / Paquistão. Os poderes coloniais desenharam fronteiras artificiais no papel, ignorando completamente as realidades físicas da região. Estão, agora, a ser feitas tentativas enérgicas para as redesenhar; estas tentativas prolongar-se-ão por vários anos, após os quais o mapa dos estados-nação será bem diferente do que é hoje.

Muito diferentes dos exemplos do Kosovo e da Síria são o Japão e a Coreia, dado que estes são, em grande parte, etnicamente homogêneos. Mas têm outros problemas: o Japão é uma nação contida numa ilha desprovida de recursos naturais, enquanto a divisão das Coreias é um problema ainda à espera de resolução. Entretanto, a América Latina é uma anomalia.

O seu extremo Sul está tão afastado do mundo exterior que o comércio global se torna difícil, e a sua geografia interna constitui uma barreira à criação de um bloco comercial tão bem-sucedido como a União Europeia (UE).

Finalmente, chegamos a um dos locais mais inabitáveis do planeta — o Ártico. Durante a maior parte da História, a Humanidade ignorou-o, mas, no século XX, encontramos lá energia, e a diplomacia do século XXI determinará a quem pertencerá — e quem venderá — esse recurso.

A tese da geografia como um fator decisivo no decurso da história humana pode ser interpretada como uma visão pessimista do mundo e, por isso, é malvista nalguns círculos intelectuais. Sugere que a Natureza é mais poderosa do que o Homem e que só até certo ponto podemos determinar o nosso destino. Contudo, existem outros fatores que, indubitavelmente, influenciam também os acontecimentos. Qualquer pessoa sensata percebe que a tecnologia moderna está já a dobrar as regras de ferro da geografia. Encontrou formas de passar por cima, por baixo ou através de algumas barreiras. Hoje, é possível aos americanos enviar um avião do Missouri a Mossul numa missão de bombardeamento sem necessidade de uma superfície de betão no caminho, sobre a qual possam reabastecer. Isso, juntamente com os seus fantásticos e parcialmente autossuficientes Grupos de Batalha de Porta-Aviões, significa que já não precisam absolutamente de ter um aliado ou uma colónia para estenderem a sua influência global a todo o mundo. Claro que, se *tiverem* uma base aérea na ilha de Diego Garcia, ou acesso permanente ao porto do Bahrein, terão mais opções; mas isso já não é tão essencial.

O poder aéreo mudou as regras, tal como, de modo diferente, a Internet o fez. Mas a geografia, e a história de como as nações se estabeleceram no seio dessa geografia, permanece crucial para a nossa compreensão do mundo de hoje e do nosso futuro.

O conflito no Iraque e na Síria assenta em poderes coloniais que ignoraram as regras da geografia, enquanto a ocupação chinesa do Tibete assenta na obediência a essas regras; a política externa global da América é ditada por elas, e mesmo o génio tecnológico e a projeção de poder da última superpotência que resta não podem fazer mais do que mitigar as regras que a Natureza, ou Deus, estabeleceram.

Quais são essas regras? O melhor local para começar é na terra onde o poder é difícil de defender, pelo que, durante séculos, os seus líderes compensaram esse facto tentando exercê-lo no exterior. É a terra sem montanhas a oeste: a Rússia.

CAPÍTULO 1

RÚSSIA

Vasto (adjetivo; mais vasto, o mais vasto): com uma área ou extensão de grandes dimensões; imenso.



ISLÂNDIA

O C E A N O

Svalbard
(Noruega)

Terra de
Francisco José

Mar da
Noruega

Mar de
Barents

NORUEGA

SUÉCIA

FINLÂNDIA

Nova
Zembla

Murmansk

Skagerrak

DINAMARCA

Calinegrado
(para a Rússia)

ESTÓNIA

LETÓNIA

LITUÂNIA

São Petersburgo

POLÓNIA

Planície do Norte
Europeu

Moscovo

BIELORRÚSSIA

UCRÂNIA

MOLDÁVIA

R

S

Planície
Siberiana

Occidental

U

Montes Urais

Mar Negro

TURQUIA

GEÓRGIA

ARMÉNIA

AZERBAIJÃO

Mar Cáspio

CAZAQUISTÃO

SÍRIA

IRAQUE

IRÃO

TURQUEMENISTÃO

UZBEQUISTÃO

QUIRGUISTÃO

TAJIKUISTÃO

AFEGANISTÃO

C

Á R T I C O

EUA
Alasca

..... Divisão Europa-Ásia
—— Fronteira estatal
- - - - - Fronteira disputada

sé

Terra do Norte

Ilhas da Nova Sibéria

Estreito de Bering

Círculo Polar Ártico

Mar de Bering

Península de Kamchatka

S I B É R I A

Mar de Okhotsk

Sakhalin

Lago Baikal

MONGÓLIA

Vladivostok

Mar do Japão

COREIA DO NORTE

COREIA DO SUL

JAPÃO

H I N A

Mar Amarelo

OCEANO PACÍFICO

1000 milhas

1000km



A RÚSSIA É VASTA. É VASTÍSSIMA. IMENSA. TEM 15 MILHÕES DE QUI-
lómetros quadrados de extensão e abrange 11 fusos horários; é o
maior país do mundo.

Os seus lagos, florestas, rios, tundras geladas, estepes, taigas e mon-
tanhas são, todos eles, vastos. Há muito que esta extensão se infiltrou na
nossa consciência coletiva. Onde quer que estejamos, lá está a Rússia, talvez
a leste ou a oeste da nossa posição, ou a norte ou sul — mas o Urso Russo
está sempre lá.

Não é coincidência que o urso seja o símbolo desta nação imensa. Ali
está ele, por vezes em hibernação, outras vezes rugindo, majestoso, mas
feroz. Urso é uma palavra russa, mas os russos preferem não chamar este
animal pelo nome, receando convocar o seu lado mais negro. Chamam-lhe
medved, «aquele que gosta de mel».

Pelo menos 120.000 desses *medveds* vivem num país que faz parte da
Europa e da Ásia. A oeste dos Montes Urais fica a Rússia Europeia. A leste
fica a Sibéria, estendendo-se até ao Mar de Bering e ao Oceano Pacífico.
Mesmo no século XXI, atravessá-la de comboio leva seis dias. O olhar dos
líderes da Rússia tem de abarcar estas distâncias e diferenças e formular as
suas políticas de acordo com elas; há já vários séculos que esse olhar se pro-
jeta em todas as direções, mas concentrando-se, essencialmente, no Oeste.

Quando os escritores tentam chegar ao coração do urso, usam, mui-
tas vezes, a famosa observação de Winston Churchill sobre a Rússia, pro-
ferida em 1939: «É um quebra-cabeças embrulhado num mistério dentro
de um enigma», mas poucos completam a frase, que termina assim: «mas
talvez exista uma chave. Essa chave é o interesse nacional russo.» Sete anos
mais tarde, ele usou essa chave para revelar a sua versão da resposta ao
quebra-cabeças, declarando: «Estou convencido de que não há nada que
admirem tanto como a força, e de que não há nada que respeitem menos
do que a fraqueza, especialmente a fraqueza militar.»

Churchill poderia bem estar a falar da atual liderança russa, que, ape-
sar de se encontrar agora embrulhada no manto da democracia, continua
autoritária na sua natureza, ainda com o interesse nacional no seu âmago.

Quando Vladimir Putin não está a pensar em Deus e em montanhas,
está a pensar em pizza. Em especial, no formato de uma fatia de pizza —
um triângulo.

A ponta dessa fatia é a Polónia. Aí, a vasta Planície do Norte Europeu,
que se estende da França aos Urais (os quais ocupam uma área de 1600km
de sul a norte, formando uma fronteira natural entre a Europa e a Ásia),

tem apenas 500km de largura. Vai do Mar Báltico, a norte, até aos Montes Cárpatos, a sul. A Planície do Norte Europeu abarca toda a França Ocidental e Setentrional, a Bélgica, a Holanda, a Alemanha do Norte e quase toda a Polónia.

Da perspetiva russa, esta é uma espada de dois gumes. A Polónia representa um corredor relativamente estreito para o qual a Rússia poderia conduzir as suas forças armadas, se necessário, e assim impedir o avanço de um inimigo sobre Moscovo. Mas, a partir deste ponto, a fatia começa a alargar-se; quando se chega à fronteira russa, já tem mais de 3000km de largura, e é plana até Moscovo e para lá da capital. Mesmo com um grande exército, seria difícil defender esta linha em força. Porém, a Rússia nunca foi conquistada a partir daqui, em especial devido à sua profundidade estratégica. Quando um exército se aproxima de Moscovo, tem já linhas de abastecimento insustentavelmente longas, um erro cometido por Napoleão em 1812 e repetido por Hitler em 1941.

Da mesma forma, no Extremo Oriente Russo, é a geografia que protege a Rússia. É difícil mover um exército da Ásia para a Rússia Asiática; não há muito para atacar além de neve, e só se consegue avançar até aos Urais. Depois, fica-se com o controlo de um pedaço gigantesco de território, em condições difíceis, com longas linhas de abastecimento e o risco sempre presente de um contra-ataque.

Poderá pensar-se que ninguém pretende invadir a Rússia, mas não é essa a opinião dos russos, e com razão. Nos últimos 500 anos, foram invadidos várias vezes a partir do Oeste. Em 1605, os polacos atravessaram a Planície do Norte Europeu, seguidos pelos suecos liderados por Carlos XII em 1708, pelos franceses sob a liderança de Napoleão em 1812 e pelos alemães duas vezes, nas duas guerras mundiais, em 1914 e 1941. Sob outra perspetiva, partindo da invasão napoleónica de 1812, mas desta vez incluindo a Guerra da Crimeia de 1853-56 e as duas guerras mundiais até 1945, os russos combateram, em média, na ou nas imediações da Planície do Norte Europeu, uma vez em cada 33 anos.

No final da Segunda Guerra Mundial, em 1945, os russos ocuparam o território conquistado à Alemanha na Europa Central e Oriental, algum do qual se tornou, então, parte da URSS, que começou a parecer-se cada vez mais com o antigo Império Russo. Em 1949, a Organização do Tratado do Atlântico Norte (NATO) foi formada por uma associação de estados europeus e norte-americanos, para defender a Europa e o Atlântico Norte do perigo dos ataques soviéticos. Em resposta, a maioria dos estados comunistas

da Europa — sob a liderança russa — formaram o Pacto de Varsóvia em 1955, um tratado de defesa militar e ajuda mútua. Em princípio, o Pacto seria de ferro, mas, olhando para trás, no início dos anos 80 já estava a enferrujar e, depois da queda do muro de Berlim, em 1989, desfez-se em pó.

O Presidente Putin não é grande fã do último presidente soviético, Mikhail Gorbachev. Culpa-o de ter minado a segurança russa e referiu-se ao desmantelamento da antiga União Soviética, ocorrida nos anos 90, como «um dos grandes desastres geopolíticos do século».

Desde então, os russos têm visto com preocupação a aproximação constante da NATO, com a adesão de países que a Rússia afirma terem assumido o compromisso de nunca se lhe juntarem: a República Checa, a Hungria e a Polónia em 1999, a Bulgária, a Estónia, a Letónia, a Lituânia, a Roménia e a Eslováquia em 2004 e a Albânia em 2009. A NATO diz que nunca foram dadas tais garantias.

A Rússia, como todas as grandes potências, pensa em termos dos próximos 100 anos e sabe que, nesse espaço de tempo, tudo pode acontecer. Há um século, quem poderia ter adivinhado que as forças armadas americanas estariam estacionadas a poucas centenas de quilómetros de Moscovo, na Polónia e nos Estados Bálticos? Em 2004, apenas 15 anos depois de 1989, todos os antigos estados do Pacto de Varsóvia, exceto a Rússia, estavam na NATO ou na UE.

A administração de Moscovo tem estado concentrada nesse facto, e na história russa.

A Rússia, como conceito, data do século IX, tendo tido origem numa federação pouco unida de tribos eslavas do Leste conhecida como Kievan Rus, baseada em Kiev e noutras cidades ao longo do Rio Dniepre, onde agora se situa a Ucrânia. Os mongóis, expandindo o seu império, atacavam continuamente a região a partir do Sul e do Leste, e acabaram por invadi-la no século XIII. A jovem Rússia reinstalou-se então a nordeste, dentro e à volta da cidade de Moscovo. Esta Rússia dos primeiros tempos, conhecida como o Grande Principado de Moscovo, era indefensável. Não havia montanhas nem desertos, e os rios eram poucos. O solo era plano em todas as direções e, do outro lado da estepe, a sul e a leste, estavam os mongóis. O invasor poderia avançar por onde quisesse, e havia poucas posições defensivas naturais a ocupar.

Surge então Ivan, o *Terrível*, o primeiro Czar. Este pôs em prática o conceito de ataque como defesa — i.e., iniciar a expansão consolidando a sede e depois alargando-a. Isto levou à grandeza. Ali estava um homem que

confirmava a teoria de que os indivíduos podem mudar a História. Sem o seu caráter, tanto de crueldade impiedosa como de visão, a história russa teria sido muito diferente.

A jovem Rússia iniciara uma expansão moderada sob a liderança do avô de Ivan, Ivan, o *Grande*, mas essa expansão acelerou-se depois de o Ivan mais novo chegar ao poder, em 1533. Ganhou terreno para leste, sobre os Urais, e para sul, até ao Mar Cáspio, e, mais tarde, até ao Mar Negro, aproveitando assim as montanhas do Cáucaso como barreira parcial entre si e os mongóis. Foi construída uma base militar na Chechénia para dissuadir potenciais atacantes, fossem eles a Horda Dourada Mongol, o Império Otomano ou os persas.

Houve contratempos, mas, no século seguinte, a Rússia avançaria para lá dos Urais e entraria na Sibéria, acabando por anexar todo o território até à costa do Pacífico, no extremo oriental.

Os russos adquiriram, assim, uma zona-tampão parcial e uma região interior — profundidade estratégica — para onde poderiam fugir em caso de invasão. Ninguém iria atacá-los em força a partir do Mar Ártico, nem atravessar os Urais para chegar a eles. O seu território estava a transformar-se no que conhecemos hoje como a Rússia e, para lá chegar a partir do Sul ou Sudeste, seria necessário ter um enorme exército, uma longuíssima linha de abastecimento e ultrapassar posições defensivas.

No século XVIII, a Rússia — sob o reinado de Pedro, o *Grande*, que fundou o Império Russo em 1721 e, depois, da Imperatriz Catarina, a *Grande* — lançou o seu olhar para oeste, expandindo o Império até se tornar uma das potências da Europa, movida, essencialmente, pelo comércio e o nacionalismo. Uma Rússia mais segura e poderosa tinha agora capacidade para ocupar a Ucrânia e alcançar os Montes Cárpatos. Conquistou a maior parte do que hoje conhecemos como os Estados Bálticos — a Lituânia, a Letónia e a Estónia. Ficou, assim, protegida de qualquer incursão vinda desse lado, por terra ou a partir do Mar Báltico.

Formou-se, pois, um largo anel à volta de Moscovo, que era o coração do país. Começando no Ártico, descia através da região do Báltico, atravessava a Ucrânia, depois os Cárpatos, o Mar Negro, o Cáucaso e o Mar Cáspio, voltando a subir pelos Urais, que se estendiam até ao Círculo Polar Ártico.

No século XX, a Rússia comunista criou a União Soviética. Por trás da retórica que proclamava «trabalhadores de todo o mundo, uni-vos», a URSS era simplesmente o Império Russo na sua expressão mais vasta.

Depois da Segunda Guerra Mundial, estendeu-se do Pacífico a Berlim, do Ártico às fronteiras do Afeganistão — uma superpotência económica, política e militar, que só encontrava rival nos EUA.

A Rússia é o maior país do mundo, com duas vezes a extensão dos EUA ou da China, cinco vezes a da Índia e 25 vezes a do Reino Unido. Todavia, tem uma população relativamente pouco numerosa, de cerca de 144 milhões, inferior à da Nigéria ou do Paquistão. A sua estação de crescimento agrícola é curta e é-lhe difícil distribuir adequadamente as colheitas pelos 11 fusos horários governados por Moscovo.

A Rússia, até aos Urais, é uma potência europeia na medida em que faz fronteira com o território europeu, mas não é uma potência asiática apesar de fazer fronteira com o Cazaquistão, a Mongólia, a China e a Coreia do Norte, e de ter fronteiras marítimas com vários países, incluindo o Japão e os EUA.

A ex-candidata a vice-presidente dos EUA, Sarah Palin, foi ridicularizada quando foi noticiado que dissera: «Conseguimos ver a Rússia aqui do Alasca», uma frase que a cobertura noticiosa transformou em «Consigo ver a Rússia da minha casa». O que ela realmente disse foi: «Conseguimos ver a Rússia aqui do Alasca, de uma ilha no Alasca.» Tinha razão. Existe uma ilha no Estreito de Bering que está situada a 4km de uma ilha americana no mesmo estreito, a Ilha Diomedes Menor, e pode ser vista daí a olho nu. É, efetivamente, possível ver a Rússia da América.

A grande altitude, nos Urais, existe uma cruz que marca o local onde a Europa acaba e a Ásia começa. Quando o céu está limpo, é um lugar bonito, com vistas que se alongam, através dos abetos, por quilómetros para leste. No inverno, está coberto de neve, tal como a Planície Siberiana que se vê mais abaixo, estendendo-se até à cidade de Yekaterimburgo. Os turistas gostam de visitar este local para assentarem um pé na Europa e o outro na Ásia. Se nos lembrarmos de que a cruz está colocada a apenas um quarto do caminho para dentro do país, esta torna-se um lembrete da enorme dimensão da Rússia. Podemos já ter percorrido 2500km desde São Petersburgo, através da Rússia Ocidental, para chegar aos Urais, mas ainda nos faltam mais 7250km para chegarmos ao Estreito de Bering, e para podermos avistar a Sra. Palin no Alasca, nos EUA.

Pouco depois da queda da União Soviética, eu estava nos Urais, no ponto onde a Europa se transforma em Ásia, acompanhado por uma equipa de filmagem russa. O operador de câmara era um veterano das filmagens taciturno, estoico e grisalho, filho do operador de câmara do

Exército Vermelho que filmara muitas imagens durante o cerco alemão a Estalinegrado. Perguntei-lhe:

— Então, é europeu ou asiático?

Ele refletiu durante alguns segundos, e depois respondeu:

— Nem uma coisa nem outra. Sou russo.

Sejam quais forem as suas credenciais europeias, a Rússia não é uma potência asiática por muitas razões. Apesar de 75 por cento do seu território se situar na Ásia, apenas 22 por cento da sua população aí vive. A Sibéria pode ser a «arca do tesouro» da Rússia, contendo a maior parte das suas riquezas minerais, petróleo e gás, mas é uma terra inclemente, gelada durante meses sem fim, com vastas florestas (taiga), um solo pobre para a agricultura e grandes extensões de pântanos. Só duas redes ferroviárias a cruzam de leste a oeste — a Transiberiana e a Linha Principal Baikal-Amur. Há poucas rotas de transporte que vão de norte a sul e não será fácil à Rússia estender o seu poder para sul, sobre a Mongólia moderna ou a China: faltam-lhe a mão de obra e as linhas de abastecimento.

No futuro a longo prazo, a China poderá vir a controlar partes da Sibéria, mas isso será uma consequência da taxa de natalidade decrescente da Rússia e da imigração chinesa para norte. Já hoje, num local tão a oeste como a pantanosa Planície Siberiana Ocidental, entre os Urais, a oeste, e o Rio Ienissei, 1600km a leste, veem-se restaurantes chineses na maior parte das cidades. Vêm aí muitos outros negócios. Os espaços vazios e despovoados do Extremo Oriente Russo têm ainda mais probabilidades de cair sob o controlo cultural e, mais tarde, político da China.

Fora do centro da Rússia, muita da população pertencente à Federação Russa não é etnicamente russa e presta muito pouca vassalagem a Moscovo, o que resulta num sistema de segurança agressivo, semelhante ao que existia nos dias soviéticos. Durante esses tempos, a Rússia era, efetivamente, um poder colonial que governava nações e pessoas que sentiam ter muito pouco em comum com os seus amos; partes da Federação Russa — por exemplo, a Chechénia e o Daguestão, no Cáucaso — ainda sentem o mesmo.

No final do século passado, a ultrapassagem dos limites, os gastos superiores ao dinheiro disponível, a economia de loucos numa terra imprevista para pessoas e a derrota nas montanhas do Afeganistão levaram à queda da URSS. O Império Russo retraiu-se, voltando aproximadamente à forma que tinha antes da era comunista, com as suas fronteiras europeias a terminarem na Estónia, na Letónia, na Bielorrússia, na Ucrânia, na Geórgia e no Azerbaijão. O objetivo da invasão soviética do Afeganistão em 1979,